

# ESFERA DE SILÊNCIO

---

Bernardo Pinto de Almeida\*

A noite. A lâmpada certa  
Trouxe-me um resto de outra noite, a sua  
boca, com ela um retrato por inteiro,  
no retrato um resto de outro rosto.

A noite vagarosa que se instala  
e sobre cujo gume a mão assenta,  
já não fere de morte o que ela espelha.  
Mas as palavras dizem o seu nome,

como se o nome fosse ainda seu reflexo,  
e no reflexo desenham-lhe outro rosto.  
A noite quer-me noite. Eu adormeço.  
Cada olho voraz que se desprende,

que sussurra do outro lado da janela,  
faz do sonho morte antecipada.  
E cada uivo de cão na madrugada,  
ou o passo apressado a perder-se no eco,

traz o mais fundo e escuro que ela guarda.  
A noite faz-se noite, impiedosa,  
porque também na noite se esclarece  
o que se quis guardado para sempre,

ou se quis para sempre esquecimento.  
Batem horas incertas no relógio,  
a casa dissolveu-se nas suas sombras,  
nenhum grito se ouve, nem sussurra

o vento, que entretanto se aquietou.  
Mas um silêncio longo, prolongado  
muna espécie de voo já sem ave,  
que por dentro o anime em movimento,

corta de frio o quarto escurecido,  
como um silvo sem boca que o sopra.  
Num rápido raiar, um rosto encosta a sua  
à outra sombra, e lívido fantasma se levanta.

A noite trás o medo. A noite espreita,  
por dentro da noite uma outra noite,  
onde o eco, a sombra, a luz inebriada,  
de um teatro de vozes que murmuram,

sem boca que sequer as pronuncie,  
diz o seu nome brevemente aos meus ouvidos.  
A madrugada impõe-se na luz ténue  
a derramar no quarto realidade.

Sobre a mesa os objectos intocados.  
O corpo transpirado que estremece  
cai enfim num sono sem memória.  
Ali ela passou. Ali foi vista,

numa densa esfera de silêncio.  
O corpo jaz na cama abandonado,  
exausto, alucina nos olhos desvairados  
o que mesmo na sua ausência está presente.

\* Extraído de "Ciência das Sombras", Lisboa: Relógio d'Água, 2018.